

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

André Lüttig

NO TROPEL DO CRIOULO: AS MOTIVAÇÕES E O UNIVERSO SOCIAL DOS
CRIADORES DE CAVALO CRIOULO DO RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre – RS

Dezembro/2009

André Lüttig

NO TROPEL DO CRIOULO: AS MOTIVAÇÕES E O UNIVERSO SOCIAL DOS
CRIADORES DE CAVALO CRIOULO DO RIO GRANDE DO SUL

Trabalho apresentado para obtenção do título de Bacharel em
Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Eunice Maciel

Porto Alegre - RS
Dezembro/2009

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa etnográfica realizada entre os criadores de Cavalo crioulo do Estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente no núcleo de criadores com sede no parque Assis Brasil no município de Esteio.

Buscou-se com esse trabalho estudar o universo social dos criadores. Objetivou-se entender este grupo, por que se cria e se formam associações em torno desse animal, suas peculiaridades como o modo de vestir, como se organizam e o que objetivam com a criação de cavalos crioulos.

Palavras-chave: associação, gaúcho, identidade, preservação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Logotipos e marcas.....	11
Ilustração 2 – Portugueses usando bombachas da arte Nambam no século XVI.....	16
Ilustração 3 – Homens e Mulheres de Bombacha	18
Ilustração 4 – Cabanheiros conduzindo os animais.....	22
Ilustração 5 – Jurados avaliando o Cavalo.....	24
Ilustração 6 – Prova do Freio de Ouro 2009	28
Ilustração 7 – Preparação do animal para o leilão.....	32

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	5
2.	HISTÓRIA.....	7
3.	DIVULGAÇÃO.....	10
4.	ENTRADA EM CAMPO.....	11
5.	VESTIR A GAÚCHA E SER GAÚCHO.....	13
6.	A INTEGRAÇÃO.....	17
7.	PROPRIETÁRIOS E TRABALHADORES	19
8.	QUALIDADES E CORES.....	22
9.	A DOMA E O FREIO DE OURO.....	25
10.	O COMÉRCIO.....	28
11.	CONCLUSÃO.....	32
	REFERÊNCIAS.....	34

1. INTRODUÇÃO

Quando decidi estudar os criadores de cavalo crioulo procurei entender por que, em pleno século XXI encontramos pessoas dispostas a se associar, dispensar tempo, dinheiro e cuidados diversos com essa atividade. Criam-se associações, clubes, encontros mensais, feiras, provas de habilidades, entre muitas outras atividades em torno de um animal que em tempos idos tinha uma importância fundamental como força motriz, mas que hoje foi largamente substituído por sistemas mecanizados e especializados. Quem é esse animal, o que há por trás dele, como funciona esse universo?

De fato, o Rio Grande do Sul tornou-se um estado industrializado, em que a grande maioria da população é urbana e onde, segundo Rubem Oliven, pensava-se que não haveria mais espaço para a figura rural e equestre do gaúcho (OLIVEN, 2006). No entanto o interesse pelo cavalo permanecia. A partir desta constatação, me interessei em verificar como funciona esse universo social, estruturado em torno do cavalo crioulo, como se organiza esta prática, sem pretender esgotar o assunto.

O universo pesquisado foi o de criadores de cavalo crioulo do Rio Grande do Sul, mais precisamente o núcleo de criadores da região metropolitana. Para isso, acompanhei seus encontros na sede de uma de suas associações localizada no parque de exposições Assis Brasil na cidade de Esteio. Estive também em leilões da referida raça onde se encontram criadores de diversos núcleos, bem como me fiz presente na Feira Internacional Expointer 2009, uma das maiores feiras agropecuárias da América latina.

O núcleo, como citado acima, é composto por associados de uma determinada região geográfica. Ao todo a Associação Brasileira de criadores de cavalo Crioulo, ABCC, é composta por 78 núcleos sendo que 21 estão localizados fora do RS, a saber: seis no Paraná, dois em São Paulo, nove em Santa Catarina, três no Estado do Rio de Janeiro e um em Brasília. A abrangência geográfica é das mais variadas, indo de Canguçu no RS, passando por Pato Branco no Paraná e indo até Petrópolis no Rio de Janeiro.

Uma oportunidade muito proveitosa para se fazer este trabalho de observação se deu durante a Expointer 2009 que se iniciou no mês de agosto e se estendeu por duas semanas.

Criadores de todas as regiões do Rio Grande do Sul tradicionalmente se fizeram presentes constituindo-se, portanto, de uma boa oportunidade de se fazer uma pesquisa baseada na observação participativa e na análise qualitativa com entrevistas abertas e semi-dirigidas, que foram feitas não apenas com o grupo de criadores, mas também com outras

peças diretamente envolvidas nessa atividade, não apenas proprietários de fazendas e criatórios, mas também trabalhadores rurais.

Malinowski (1976) afirmava que o trabalho de campo sempre começa com algumas questões ou algum problema. O importante é que essas questões possam ser esclarecidas ou modificadas quando o estudo começa a ser desenvolvido no campo. Um projeto dessa ordem não incorre em falta de planejamento da pesquisa, pelo contrário, o planejamento deve ser entendido como um processo e acompanhar o desenvolvimento do estudo.

Busquei o sentido atribuído aos fatos e as coisas pelas pessoas entrevistadas tentando acessar a sua perspectiva, sem induzi-las, e procurar encontrar coisas que dificilmente seriam observadas tais como: sentimentos, motivações, intenções. É importante, no entanto, dizer que a qualidade das informações obtidas depende sobretudo da habilidade do pesquisador, que deve ser capaz de reconhecer aspectos que devam ser esclarecidos e aprofundados com vistas ao objetivo do estudo. Nesse sentido, não há como padronizar a interação entre o pesquisador e o sujeito de pesquisa, não podendo, portanto, ser previsto todas as questões.

2. HISTÓRIA

O cavalo Crioulo é considerado pelos seus criadores como o mais “legítimo” dos cavalos que foram introduzidos nas Américas pelos colonizadores Espanhóis. Antes do ano 1500 da nossa era, não havia cavalos nas Américas.

É interessante observar que não existe nas línguas originais do Continente Americano nenhum termo que signifique cavalo. Todos os vocábulos que atualmente existem são derivações da palavra *caballo* do espanhol: *cavayú* em guarani, *caavarú* em tupi, *cahuellu* ou *cahuallo* em araucano, *cahualk* em gennaken, *cahuel* em tehuelche, *cavallo* nos acomas, *cavaio* nos moquis, *cavayo* em paiute, *cahuay* nos kansas, *cahua* nos osages, *kaviyo* nos pimas (ASSUNÇÃO, 1978).

No seu livro *El gaucho*, Fernando O. Assunção (1978) afirma que seguramente foram, como mínimo, entre vinte e cinco a trinta cavalos embarcados para a América. Esta quantidade está documentada detalhadamente por um pergaminho real datado no dia 23 de maio de 1493, em Barcelona, em que os Reis Católicos Isabel e Fernando ordenam que:

“Entre a gente que mandamos ir na dita armada, temos concordado que sejam vinte e cinco lanças ginetes, a cavalo, por onde vos mandamos que entre a gente da irmandade que está nesse reino de Granada escolhais as ditas vinte lanças, que sejam homens seguros e confiáveis e que vão com boa vontade, e cinco deles levem cavalgaduras de reserva e que as ditas cavalgaduras de reserva que levam sejam éguas.” (ASSUNÇÃO, 1978)

Continua Assunção: “Nesses tempos os cavalos de guerra eram, geralmente, machos inteiros e ao trazer éguas como repostos, nesses cinco casos, indicava o desejo de iniciar a procriação dos imprescindíveis animais nas terras descobertas, onde não existiam. Segundo documentos contemporâneos, longe de serem bons, os cavalos que foram embarcados nesta expedição eram verdadeiros matungos.”.

Mais adiante:

“Temos como definitivo, pois, uma origem única e uniforme para todos os plantéis cavalares na América. Basicamente são cavalos espanhóis, em particular andaluzes, ou portugueses do Alentejo e Extremadura, de idêntica origem e características raciais.” (ASSUNÇÃO, 1978).

Descendente do cavalo da península ibérica, mais precisamente da raça andaluz, o Crioulo se espalhou por toda a América do Sul onde passou a se multiplicar sem a menor interferência humana. Assim, durante quatro séculos, a raça crioula se adaptou ao meio ambiente das grandes planícies sul americanas e sofreu uma severa seleção natural. Esta adaptação às condições de vida do meio ambiente, permitiu o desenvolvimento de sua grande qualidade, a resistência.

Com o passar dos anos e a multiplicação das estâncias e fazendas que se instalaram na América do Sul, esses cavalos começaram a ser capturados e serviram como força de trabalho dos estancieiros dos pampas aos índios Araucanos, passando pelos padres Jesuítas.

Povos indígenas também adotaram o cavalo. Habitantes do território hoje correspondente ao Chile, os Araucanos, que receberam esse nome dos conquistadores espanhóis no século XVI, foram um dos povos ameríndios que por mais tempo conservaram sua independência. Unidos mais por vínculos lingüísticos que por homogeneidade étnica, os araucanos ocuparam, nos tempos pré-colombianos, os vales e as áreas férteis do centro do Chile, de Coquimbo, ao norte, à ilha de Chiloé, ao sul. Em meados do séc. XVI, eles capturaram alguns cavalos dos espanhóis e começaram a deslocar-se na direção da Argentina, onde subjugarão os povos dos pampas. No Rio grande do Sul, por sua vez, os chamados Minuanos e Charruas formavam grupos indígenas que habitavam os campos no sul do estado e a exemplo dos Araucanos também se tornaram cavaleiros.

Em menos de oitenta anos, o rebanho cavalar e muar do Sul da América do Sul, em especial o Pampa argentino e a Campanha rio-grandense, chegou a muitos milhares de cabeças. Só para se ter uma idéia da enorme quantidade de cavalos que deveria existir nessas regiões, em 1754 segundo registro de cartas reais da vila de Parnaíba, um tropeiro castelhano Bartolomeu Chevar levou do Rio Grande do Sul para Minas, 3.780 mulas (HOLANDA, Sérgio Buarque, 1994). Para haver 3.780 mulas deveriam existir muitas éguas, já que a mula é um animal híbrido e estéril fruto do cruzamento do burro com a égua.

Ainda em 1768, quando os jesuítas foram expulsos, só na região das Missões existiam perto de duzentos mil cavalos, mesmo depois dos rebanhos terem sido saqueados pelos índios “infiéis” que iam até as proximidades dos “Povos” fazer grandes arrebanhamentos para vender aos portugueses. Tal era a quantidade existente que a quebra era logo compensada pela reprodução (HANSEL, José, 1978).

Assim, esses animais serviriam de marco na colonização e conquista de todo o território da América do Sul, servindo para a expansão europeia no território. Porém, no final do século XIX, a captura e domesticação desenfreada ameaçaram a raça, pois cruzamentos com outras raças europeias e norte americanas estavam fazendo o crioulo sul americano perder as suas características originais.

Preocupado com a preservação da raça “crioula”, o argentino Emilio Solanet (1887-1979) - Doutor em veterinária, produtor agropecuário e dirigente político Argentino - buscou, nos anos 20 do século passado, junto às tribos indígenas na província de Choubut, perto da região dos Andes, éguas crioulas de elevado padrão racial dando início a uma seleção. Foi o passo inicial. Nos diferentes países da América Latina a investida foi a mesma, e no Brasil, mais precisamente no estado do Rio Grande do Sul assumiu-se o “crioulo” até mesmo como patrimônio do homem do pampa.

Em 1932, com o intuito de desenvolver e melhorar a raça crioula, foi fundada uma associação de criadores na cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul. Foi a partir daí que o cavalo nativo das coxilhas e pampas do Rio Grande do Sul passou a ser enquadrado dentro de um modelo racial determinante e que é perseguido até hoje pelos aficionados.

É verdade que a antropologia estuda problemas, e não povos, como disse Evans-Pritchard (1978); mas seus problemas são aqueles dos povos que estuda - problemas postos por estes povos para si mesmos, a exemplo do que disse e portanto, para os antropólogos. Foi o mesmo Evans-Pritchard (1978: 300) quem sugeriu que o antropólogo deve seguir o que encontra na sociedade que escolheu estudar: ele não se interessava por bruxaria, mas os Azande sim; não tinha paixão especial por vacas, mas os Nuer sim. Para o povo Nuer, conforme nos relata o antropólogo Evans-Pritchard (1978:53), o gado é o centro da vida. Relações de parentesco, de amizade e de conflito, mitos e até mesmo o ciclo do tempo, tudo que é socialmente relevante para os Nuer está relacionado como seu rebanho bovino.

Da mesma forma, para os criadores de cavalo no sul do país, a criação e a preservação do crioulo são muito importantes. O pesquisador, no caso Eu, não vem de uma família de criadores nem se interessava pelo tema até que me deparei com ele, como veremos a seguir.

3. DIVULGAÇÃO

Como dito anteriormente , a Associação Brasileira de criadores de cavalo Crioulo, ABCC, é composta por 78 núcleos sendo que 21 estão localizados fora do RS. Através dos núcleos , os criadores trocam experiências, promovem reuniões e encontros, bem como assistência técnica , certificações e registro de todos os animais a serem comercializados, o que garante a procedência e a pureza da raça crioula.

A associação se comunica também com seus associados através do seu site na internet que é o www.abccc.com.br. Também há outros sites especializados em divulgar e promover a criação de cavalos crioulos destacando-se o Portal do Cavalo Crioulo acessado através da página www.cavaloscioulos.com.br. Lá encontram-se várias informações desde dicas veterinárias, leilões, passando por propagandas de cabanhas.

Existem também publicações gráficas periódicas destacando-se a revista CRIoulos, que trata exclusivamente deste universo e que também possui site na internet através de www.revistacrioulos.com.br.

As cabanhas também se promovem e se divulgam através na mídia especializada, seja na internet , publicações impressas e também na televisão através do canal rural, canal de televisão paga, com programas voltados para o meio rural onde se transmitem leilões da raça e outros ligados aos crioulistas.

Ao promover seus leilões fazem questão de exibir seus logotipos e marcas nessas mídias. CRIoulos paixão e arte; RESERVA CRIOLA 2009; MARCAS DE RAÇA; GENÉTICA CAMPEÕES, são exemplos de propaganda alusiva a leilões que tem por objetivo denotar qualidade superior de seus animais bem como servirem de referência para o mundo crioulista.



ILUSTRAÇÃO 1 – Logotipos e Marcas

4. ENTRADA EM CAMPO

A minha pesquisa de campo foi menor do que gostaria muito em função das minhas atividades profissionais que tomavam muito tempo, portanto, minhas investidas se deram nos encontros noturnos mais formais na sede do núcleo da Cidade de Esteio, no Rio Grande do Sul, e também durante a Feira Internacional – Expointer, bem como em leilões também em Esteio e outros, informais.

Conversando com um amigo, Luis, descobri que ele e sua família possuíam uma cabanha onde criavam cavalos da raça crioula. Perguntei a ele se isso era uma tradição familiar de muito tempo e ele me disse que estavam envolvidos nessa atividade há apenas dois anos. Sua família não tem origem rural e tampouco tiveram alguma atividade que os ligassem à vida do campo. Eles são, na verdade, de origem alemã e segundo ele provavelmente seus antepassados vieram junto com a leva de imigrantes do século XIX para o Rio Grande do Sul.

A atividade de criação de cavalos crioulos se iniciou quando seu pai, funcionário de uma grande empresa de telecomunicações aposentou-se e comprou uma propriedade rural na região da cidade de Mariana Pimentel, distante cerca de 50 quilômetros da capital gaúcha.

Luis e sua família tiveram o primeiro contato com a criação de cavalos crioulos através de um amigo que já tinha uma pequena criação no município Viamão, próximo de Porto Alegre. Gostaram do que viram, segundo Luis, e logo compraram seus primeiros animais. No início, seus primeiros cavalos ficaram junto com os animais de seu amigo em Viamão mas logo sua criação foi ficando maior e sentiram a necessidade de ter sua própria cabanha. Esse amigo serviu de guia e consultor para o início de seu empreendimento conforme diz o próprio Luis: “A gente começou meio que na brincadeira, e logo depois fomos tomando gosto pela coisa; a criação foi ficando maior e meu pai achou por bem fazermos algo mais profissional e entramos de cabeça nesse negócio. Nos associamos na ABCCC e através da troca de experiência e informações fomos adquirindo *Know how* para tocar a cabanha”

Sempre que dispõe de tempo livre, Luis se envolve inteiramente com os negócios da criação de cavalos. Isso me despertou a atenção e certo dia demonstrei interesse em participar de um evento de criadores, o que foi de pronto atendido por ele que me acompanhou neste campo.

Fiquei logo sabendo que a criação envolve um grande número de eventos que ocorrem todos os meses, nas mais variadas cidades do Rio Grande do Sul, mas o ponto alto é a Expointer, feira agroindustrial conhecida nacional e também internacionalmente, que ocorre

anualmente no mês de agosto estendendo-se por duas semanas. Combinamos que iríamos juntos em um encontro, o que se tornou uma medida acertada e de grande ajuda, pois eu não conhecia praticamente nada sobre o assunto a ser estudado e seria de fundamental importância que houvesse alguém que servisse de “intérprete” nesse encontro.

Saímos de Porto Alegre em direção ao primeiro encontro realizado em Esteio, e chegando lá pude observar que embora fôssemos a um evento de criadores de cavalo, tinha-se a impressão de que estávamos em uma feira de automóveis, tamanha a quantidade de veículos estacionados, em sua grande maioria composta de caminhonetes de luxo dos mais variados tipos e modelos. A quase totalidade das pessoas possui este tipo de veículo o que, de certa forma, me levou a crer que o nível sócio econômico dos participantes do evento era elevado.

Comecei a circular pelo encontro tentando encontrar coisas que pudessem caracterizar o grupo social, pois até então não tinha a certeza de que aquelas pessoas se comportariam de forma diferente à que eu estava habituado. Caminhamos pelo local, e à medida que andávamos, Luis ia me apresentando e me mostrando a estrutura e as pessoas do local.

Após dizer quem eu era e o que eu fazia lá, todos colaboravam em me explicar e dirimir as minhas dúvidas.

É importante salientar que os meus questionamentos tinham um caráter de admiração e interesse pela atividade e menos uma visão acadêmica dos acontecimentos sempre permeado de muitas perguntas, para quem sabe, empolgar meu interlocutor a falar sem restrições, ou seja, à vontade.

A grande maioria destas pessoas não tem nessa atividade o seu modo de subsistência, pois são em sua grande parte profissionais liberais ou assalariados de classe média alta. Conversando com as mais variadas pessoas, o que se tornou quase uma unanimidade, disseram-me que se fizessem uma análise puramente econômica de seus criatórios, já teriam parado com essa atividade há muito tempo, pois pouquíssimos criadores obtém lucro com essa atividade, ainda que se observe uma grande movimentação comercial nos leilões.

Segundo Rubem Oliven (2006), há uma extensa literatura que mostra o papel que a nostalgia rural exerceu sobre intelectuais urbanos em diferentes países que passaram por processos de urbanização. É quando a vida no campo começa a se modificar num ritmo mais rápido e quando há um crescimento da população urbana que surgem intelectuais que ajudam a recriar o que seria o passado rural (OLIVEN, 2006).

Como se pode observar, isso não ocorre apenas com os intelectuais. Muitos citadinos, tenham eles origens rurais ou não, possuindo recursos, investem em atividades rurais, chácaras, sítios, etc. e também a criação de cavalos.

Assim, meu interesse pelo universo dos criadores dos cavalos crioulos foi tomando forma assim como tema de pesquisa.

5. VESTIR A GAÚCHA E SER GAÚCHO

O vestuário dos participantes dos eventos chama a atenção. Grande deles se vestem com uma indumentária típica do Rio Grande do Sul – a bombacha - mas que na maioria das vezes não é a mesma utilizada pelo movimento tradicionalista em seus encontros nos CTG's (Centro de Tradições Gaúchas), seja pelo corte que é menos largo que as habituais utilizadas pelos tradicionalistas, seja pelo material utilizado na confecção. Chapéu, botas, bombachas normalmente compostas de um tecido similar ao brim, e lenço, que de um modo geral é de cores e estampas variadas e de tamanho menor ao utilizado pelos tradicionalistas que fazem uso de lenços fartos de cor branca ou vermelha. Essa situação leva a crer que há uma grande identificação com a figura do gaúcho e que o uso destas roupas típicas compõem-se de uma tradição dentro do grupo estudado.

Um tema polêmico, que dá origem a discussões, é o que se refere à principal peça da indumentária tradicional do Gaúcho, a bombacha. Segundo o folclorista Paixão Côrtes (1970), a pedra basilar da cultura gauchesca é de origem luso-brasileira, com forte presença lusitana dos Açores, mas outros povos contribuíram para a formação cultural do gaúcho.

A tradicional calça do gaúcho, denominada bombacha, viajou pelo mundo antes de aportar no Rio grande do Sul, em um exemplo pioneiro do que poderíamos denominar hoje de globalização.

A interpretação mais aceita atualmente é de que seu uso se disseminou a partir de 1865, durante a guerra do Paraguai. As forças sul americanas importaram dos exércitos europeus peças de roupas que sobraram do conflito na Criméia.

Edison Acri em seu livro O GAÚCHO, usos e costumes, diz que a bombacha realmente coincide com o conflito com o Paraguai. Inicialmente aparece no Uruguai com a denominação de “calzones chinos”, introduzidas em Montevidéo pelos Ingleses porque lá estavam os grandes comerciantes internacionais da época.

Com a guerra do Paraguai ela começa a entrar no Rio Grande do Sul sendo adotada primeiro pelos mais pobres, passando depois o seu uso para os caudilhos e estancieiros. Aos poucos, essa nova vestimenta toma conta de toda a campanha e por volta de 1893, segundo Acri, já não se vê quase ninguém de chiripá que era a peça de roupa popularizada entre os habitantes do Rio Grande do Sul até então. O chiripá se caracteriza por um pano grande de forma retangular que era usado como uma fralda passada por entre as pernas. (Edson, 1985)

Paixão Côrtes diz, no entanto, que sua origem seria mais remota. Pesquisando em diferentes museus da Europa, Côrtes concluiu que a bombacha seria o aperfeiçoamento de uma peça denominada de seroual típica da vestimenta Árabe. Como os Mouros dominaram durante séculos a Península Ibérica, deixaram o traje como legado. Com o passar dos tempos, essa vestimenta recebe aperfeiçoamentos como bolsos e braguilha. Surpreendentemente, Paixão encontrou nos biombos japoneses da arte nambam, exibidos em Londres, Paris e Lisboa, o traje datado de 1543 utilizado por portugueses quando estiveram no Japão. “As raízes da nossa identidade gauchesca estão longe, a bombacha é um remanescente do seroual de origem árabe encontrada na arte nambam japonesa.”



Ilustração 1 – Portugueses usando bombachas da arte Nambam no século XVI

Tem lugar de destaque o uso de boinas de pano ou lã achatado, ajustado ao perímetro da cabeça. Usada sempre pendendo para um dos lados da cabeça. Segundo Acri, o uso das boinas tem sua difusão a partir de 1870, principalmente entre os imigrantes Bascos, Espanhóis e Franceses agauchados que não se desprenderam dessa peça, o que mais tarde é incorporado pela campanha gaúcha. O uso de cintos também tem referência a esse universo dos Pampas.

Os crioulistas que não estão completamente paramentados utilizam ao menos um desses adereços ou vestimentas que remetem ao do homem do pampa.

As mulheres por sua vez não fazem uso das roupas femininas tradicionalistas tais como vestidos de prenda, mas em geral de calças compridas com adereços de uso tradicional masculino, tais como as botas, lenços e chapéus. Rubem Oliven, em seu livro *A parte e o Todo* (2006), diz que as mulheres preferem as roupas masculinas.

“Ao vestirem peças da indumentária dos homens, as mulheres estão se apropriando de símbolos de prestígio restritos à figura masculina do gaúcho, que é o tipo social representativo de uma sociedade onde a mulher tem um lugar secundário” (OLIVEN, 2006).

Porém, além do simbolismo, devemos lembrar que montar a cavalo se torna mais fácil com a indumentária masculina, ou seja, de calças.

É interessante dizer que nos CTG's as mulheres não possuem a opção de usar ou não usar o vestido de prenda, uma vez que seu uso é regido por estatutos rígidos, seja para o homem, seja para a mulher no que se refere à vestimenta.

Maria Eunice Maciel (2005) diz que ao tratarmos de identidades, não podemos ignorar os estereótipos como parte deste jogo e as figuras emblemáticas que surgem desse processo como símbolos capazes de serem utilizados em práticas sociais.

No caso, as mulheres não são “prendas” tradicionalistas, mas mulheres que estão também no campo, tal como os homens e muitas são criadoras de cavalo crioulo, usando roupas tradicionais do campo e não se espelhando no estereótipo expresso pela prenda. Nesse caso, a figura feminina estereotipada do tradicionalismo dá lugar às mulheres reais do universo pampeano.

Eles e Elas não estão lá para “cultuar” a tradição, como no caso dos CTG'S, mas representam, isso sim, o desenrolar da tradição das estâncias, ligadas ao gaúcho e as gaúchas.



Ilustração 3 – Homens e Mulheres de Bombacha - 2009

6. A INTEGRAÇÃO

Muitos dos participantes se conhecem, se não muito bem, ao menos por terem se visto em outras oportunidades, nos eventos que se sucedem pelo Estado ao longo do ano. Os assuntos discutidos são, em sua maioria, acerca da aparência de determinado animal, sua cor, sua paternidade, suas qualidades, seus aspectos morfológicos, suas participações em eventos, enfim, tudo relacionado a cavalos.

Isso me levou a pensar no relato de Evans Pritchard em seu livro ‘Os Nuer’ onde ele escreve:

“Eles estão sempre falando de seus animais, algumas eu me desesperava porque jamais discutia qualquer coisa com os jovens que não fosse gado... Qualquer assunto que começasse, e de qualquer ângulo que o abordasse, logo estávamos falando de vacas e bois... Deve-se não somente ao grande valor econômico do gado, mas também ao fato de que ele constitui o vínculo de numerosos relacionamentos sociais” (PRITCHARD, 1978).

Essa sem dúvida se constituiu na melhor explicação para o que eu presenciei em minha observação. Tanto os ginetes, que são os responsáveis pelo adestramento e a doma dos animais bem como os cabanheiros, responsáveis pelo trato e higiene dos cavalos, assim como os proprietários, atingem com o passar do tempo um elevado nível de especialização na identificação das formas de andar, cavalgar, o temperamento apresentado pelos animais, bem como as formas de corrigir as falhas que fogem do modelo ideal almejado pelos criadores.

Ao verificar o andar de um cavalo, um ginete pediu que um colega o puxasse a fim de confirmar o que ele havia verificado - que o animal estava pisando de forma errada com a pata dianteira direita e que era necessária a correção da falha, apontando de pronto a forma de corrigi-la.

A minha maior surpresa ficou demonstrada quando eu e mais um grupo de três pessoas observávamos um animal quando então um ginete estranho ao grupo passou pelo local, parou, observou o cavalo e perguntou se aquele animal não era filho do X e da mãe Y, o que foi logo confirmado pelo proprietário do cavalo, ou seja, algumas pessoas conseguem identificar os cavalos e sua paternidade. Eles identificam os animais e se auto-identificam ao mesmo tempo,

como conhecedores, especialistas, “mestres” no seu campo, ou seja, no universo do cavalo crioulo.

É importante salientar que esse animal não fora, segundo o proprietário, criado pelo ginete, porém é algo relativamente comum entre esse grupo social a observância de aspectos físicos do animal como pescoço, rosto, costas, etc, para a identificação dos seus pais. O que para um leigo parece tudo igual tem, na verdade, muitas diferenças.

Observa-se também uma identidade muito forte das pessoas com as suas marcas, ou seja, os símbolos que identificam cada cabanha. Esses são dos mais variados e identificam a procedência dos animais. Os proprietários fazem questão de exibir a sua marca, sejam em camisas, cintos, chapéus além é óbvio de seus animais.

A linguagem utilizada pelas pessoas é de difícil entendimento a um leigo, pois mesmo as denominações de algumas partes do corpo do animal não são as mesmas utilizadas por uma pessoa fora desse meio em seu dia-a-dia.

A dificuldade de compreensão dos termos se tornava particularmente difícil quando se tratava a respeito das cores dos animais, ou melhor, do pêlo, como denominam os nativos. Até para quem lida com os eqüinos, vez por outra, confunde-se com a cor da pelagem dos animais, como veremos adiante.

7. PROPRIETÁRIOS E TRABALHADORES

Durante minhas andanças pelo local, pude observar uma clara divisão de classes. De um lado estão os proprietários dos animais e do outro as pessoas responsáveis pelos cuidados dispensados aos animais no seu dia-a-dia, denominados de ginetes e cabanheiros. Como dito anteriormente, a função do ginete é a de cavalgar os animais e aperfeiçoá-los para as disputas nas provas funcionais que tem por finalidade a demonstração de agilidade, docilidade e robustez. O cabanheiro por sua vez, cuida da alimentação, limpeza e demais cuidados. Há casos, no entanto, que por motivos de economia e também pelo número reduzido de animais na propriedade, opta-se por encontrar um profissional que acumule as duas funções.

No entanto, os criadores são unânimes em afirmar que essa situação não é a ideal. Jorge Luiz, criador a cerca de 10 anos em uma propriedade pequena, disse-me que teve que dispensar seu ginete por motivos econômicos, uma vez que seus custos estavam muito altos, Disse ele: *“esse negócio não dá retorno, mas eu gosto muito disso tudo; é pior que cachaça!”*.

Até o ano passado, esses trabalhadores se alimentavam, dormiam e ficavam em tempo integral junto dos animais em suas baias durante os eventos, em condições muito precárias de conforto e de higiene. Os proprietários por sua vez gozam de uma situação diferenciada, hospedando-se em hotéis e fazendo suas refeições em restaurantes.

Na Expointer, a partir do ano de 2008, por força de lei e fiscalizada pelo ministério do trabalho, foi vetada essa prática impingida aos cabanheiros e ginetes. É interessante notar que quando inquiridos sobre essa nova norma, os trabalhadores reagem de pronto ao dizer que isso fere uma tradição e um costume arraigado e que também não se sentem muito à vontade longe dos animais:

“(...) a gente perde o clima de camaradagem entre o pessoal, dizem alguns. Instalados em um alojamento todos ficariam pertos uns dos outros, porém, longe dos animais. O grande problema era ficar longe dos “seus” animais (embora não fossem os proprietários). O apego aos cavalos que ficam aos seus cuidados, e que gera uma relação muito estreita, é o que faz a diferença “não querer” ir para o alojamento.”

É interessante notar que, quando perguntados se as novas acomodações com cama , chuveiro quente, banheiro, e local apropriado para as refeições são satisfatórias, todos são unânimes em dizer que é tudo muito bom e confortável.

José Veigas, uruguaianense de 31 anos me disse que ficou sabendo através de comentários que os novos alojamentos seriam apertados, mas que se surpreendeu quando chegou ao Parque Assis Brasil: *“Tchê, é conforto que a maioria dos peões não tem nas cabanhas”*.

Vê-se claramente nessas afirmações um certo receio de falar abertamente sobre as melhores condições de conforto uma vez que os proprietários de um modo geral não viram com bons olhos essa nova lei, visto que aumentaram os seus custos e seu ‘patrimônio ‘ não fica mais sendo vigiado as 24 horas do dia.

O clima de camaradagem é constante entre cabanheiros e ginetes, com muita conversa, jogo de cartas e piadas, porém esse clima não é o mesmo na presença dos proprietários. Embora não seja formal, o tom e o tratamento dado aos mesmos, ou seja, a forma como se relacionam os grupos são diferenciados, talvez fruto da diferença sócio econômica e cultural, ou ainda pela relação patrão empregado.



Ilustração 4 - Cabanheiros conduzindo os Animais - 2009

Algo imprescindível para os cabanheiros é o seu “baú”. Esse artefato consiste em uma grande caixa de madeira onde são colocados os seus objetos pessoais e os apetrechos utilizados nos animais, como cabrestos, laços, esporas, etc. essa caixa é um marco do território sobre o seu domínio e fica disposta junto as baias onde estão os animais sob o seu

cuidado. Lá é o local onde passa a maior parte do seu tempo e até bem pouco tempo dormia e fazia as suas refeições. Não se admite ir a um encontro dos criadores utilizando outro meio para transportar seus objetos que não seja o “baú”. Ao questionar se não seria mais prática a utilização de outra coisa como uma bolsa ou mala, as respostas sempre eram evasivas do tipo não dá, assim é melhor, porque sim, ou seja, a caixa transcende a questão do transporte de utensílios e torna-se um misto de tradição e costume inquestionável na medida em que se prescindisse de seu baú, o cabanheiro seria motivo de chacota e de piadas por parte de seus pares.

Luis me disse que em uma certa ocasião ele seu pai e seu irmão, juntamente com o seu cabanheiro, foram a um evento. Iriam todos de caminhonete confortavelmente, porém não havia lugar para o baú. Os utensílios poderiam ir juntos se fossem acomodados de uma outra forma que não fosse na caixa, solta no porta malas ou em sacolas mais flexíveis, mas a força do baú foi tanta que seu irmão e seu pai tiveram que ir de ônibus para que a caixa pudesse ir ao evento de caminhonete.

É a força da tradição. O baú é tradicional e faz parte deste universo. Embora grande, podendo até mesmo atrapalhar, ele é um símbolo da função e está dentro de uma dimensão que faz o cabanheiro ser identificado como tal. Cabanheiro que se preze tem que estar com o seu baú. Trata-se de um marcador identitário.

8. QUALIDADES E CORES

O cavalo crioulo se caracteriza por ser um animal compacto, robusto e inteligente. Apresenta a cabeça curta e larga, afilando-se em forma de cone, focinho saliente, face reta com olhos expressivos afastados lateralmente, orelhas curtas empinadas. O pescoço é musculoso, inserido em espáduas fortes e profundas, com peito largo. O dorso é curto, com costelas bastante elásticas e lombo bastante poderoso. A garupa é arredondada e musculosa. As pernas são curtas, com ossatura excedente, quartelas curtas, com patas pequenas e duras.

Especialmente na Argentina, o povo tem grande orgulho da resistência do Crioulo, e são mantidos testes de resistência para selecionar os melhores para a procriação. Uma prova anual é realizada pelos criadores, na qual os cavalos devem cobrir uma distância de 752 km em quinze dias, carregando uma carga de 110 kg, sem nada para comer ou beber, exceto aqueles alimentos que eles mesmos possam encontrar pelo caminho durante o descanso.



Ilustração 5 – Jurados avaliando o Cavalo - 2009

Como dito anteriormente, a dificuldade de compreensão dos termos que se referem à coloração dos animais é particularmente difícil. As cores, ou pêlo, como chamam os nativos,

tem denominações próprias, que percebemos nas falas dos criadores. Através de suas falas e explicações foi possível compor as seguintes classificações:

O mais comum é o *gateado* caracterizado pela pelagem com tons dourados. Uma listra sobre o lombo permite identificá-lo.

Por seu turno, o menos comum é o *oveira*, com pelo de uma cor e manchas irregulares.

O *tordilho* possui pelagem negra sobre um fundo branco. Se possuir pelagem escura é um tordilho negro. Zeca Marcelo, campeão do freio de ouro 2009 conta que: “*meu cavalo é baio, mas se tivesse as crinas claras seria baio ruano*”, o que nos remete a importância da cor da crina para nomear o tipo de pelagem que caracteriza o animal.

Zaino é castanho brilhante escuro, já o zaino negro é de coloração mais escura. Preto, é aquele todo negro, porém se tiver uma mancha branca em sua cara ele será chamado de Picasso. Alazão ou tostado, por sua vez, é aquele com uma coloração que se assemelha ao pinhão, fruto da Araucária, Varia de castanho avermelhado até escuro quase arroxeadado.

Tubiano possui duas cores que não se misturam, como se tivessem duas manchas sólidas. O Oveiro também tem duas cores, mas são misturadas e se sobrepõe.

Colorado, geralmente tem uma pelagem castanha clara. O tordilho negro é o que tem uma grande quantidade de pelo preto sobre o corpo branco. O tordilho se caracteriza pela predominância dos pelos brancos.

Mouros são o oposto dos tordilhos negros, ou seja, os pelos brancos estão sobrepostos aos negros. Já o Rosilho é como um tordilho, porém os pelos de baixo são castanhos.

Há, entretanto muitos mais tipos de pelagens e variações de cores que recebem outras denominações.

Evans Pritchard (1978) escreveu em seu livro a respeito do Nuer: “Existem pelo menos uma dúzia de termos para descrever diferentes combinações de branco e cinza rato, e existe um número semelhante de termos para uma combinação de branco com cada uma das outras cores”. No caso da cor marrom, por exemplo, que para nós pode ser caracterizada em suas nuances como marrom claro, escuro, etc, para os crioulistas – como se intitulam os criadores – essa cor deve ser definida como zaino, doradilho, tostado ou colorado entre outras.

Os nomes relativos à pelagem dos animais também fazem referências às manchas características de cada animal, como por exemplo: um cavalo que tenha as patas brancas não tem a definição direta de um “cavalo de patas brancas”, mas sim de um cavalo “calçado das patas”. Um cavalo com uma listra branca em sua cara é definido como um “frente aberta”; já

um que tenha uma mancha na parte superior da cabeça é um “ luzero” ou ainda um que tenha a frente da cara toda branca é denominado de “ malacara “.

Deparei-me com definições muito diferentes das que estamos habituados e sem uma ajuda especializada ficaria muito difícil o entendimento acerca do que seria algo como um “potrancão zaino, malacaro e rubicano”. Essas terminologias têm sua origem na língua espanhola, mais precisamente no castelhano e que foi com o passar dos tempos sendo miscigenada com a língua portuguesa.

9. A DOMA E O FREIO DE OURO

Um dos principais eventos do calendário dos criadores é a competição chamada de “Freio de Ouro”.

O primeiro esboço do que hoje é o Freio de Ouro ocorreu no ano de 1977 na 1ª Exposição Funcional da cidade de Jaguarão, uma mostra modesta, mais ou menos improvisada, com um número reduzido de participantes, mas um grande sucesso. Naquele momento, os criadores de cavalos crioulos verificaram que o desenvolvimento da raça passava pela promoção de provas funcionais.

Até então, demonstrações desse tipo não faziam parte do calendário oficial da raça, existindo apenas julgamentos morfológicos. Em 1980, a 3ª Funcional conseguiu atrair a atenção do país inteiro, sendo visitada pelo então presidente da República, general João Batista Figueiredo, um aficionado por cavalos. No ano do cinquentenário da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos (ABCCC), 1982, o então presidente da entidade, Gilberto Azambuja Centeno, oficializou a prova campeira que seria realizada durante a Expointer. O Freio de Ouro foi inspirado nas exposições funcionais de Jaguarão, que passou a ser uma etapa classificatória tal como Pelotas e Bagé. No ano seguinte, Uruguaiana também integrou essa lista.

No primeiro ano com as três classificatórias, participaram 12 animais, competindo, sem distinção de gênero. O primeiro campeão foi *Itaí Tupambaé*, filho de *La Invernada Hornero* (consagrado reprodutor da raça) e *Preciosa dos Cinco Salsos*, do criador Oswaldo Pons, um dos grandes crioulistas de todos os tempos. A partir daí, firmava-se o Freio de Ouro, como o grande acontecimento dessa raça de equinos do Rio Grande do Sul.

Em 1983, a prova do Freio de Ouro foi batizada com o nome de Roberto Bastos Tellechea, como uma homenagem póstuma a esse incentivador da raça crioula que iniciou junto com seu irmão Flavio a sua criação na década de 60. Em 1990, houve o falecimento de Flávio Bastos Tellechea. Em reconhecimento, a prova Freio de Ouro levou o nome dos dois irmãos "Flavio e Roberto Bastos Tellechea".

Desde o início até hoje, ocorreram mudanças devido ao crescimento dos adeptos da raça. O que antes eram somente quatro etapas classificatórias e uma final transformou-se em mais de 30 etapas credenciadoras, seis classificatórias no Rio Grande do Sul, uma fora do Estado (itinerante entre São Paulo, Paraná e Santa Catarina) e uma internacional no Uruguai,

num total de oito, além da grande final em Esteio. Outra mudança foi a divisão em categorias de machos e fêmeas a partir de 1994.

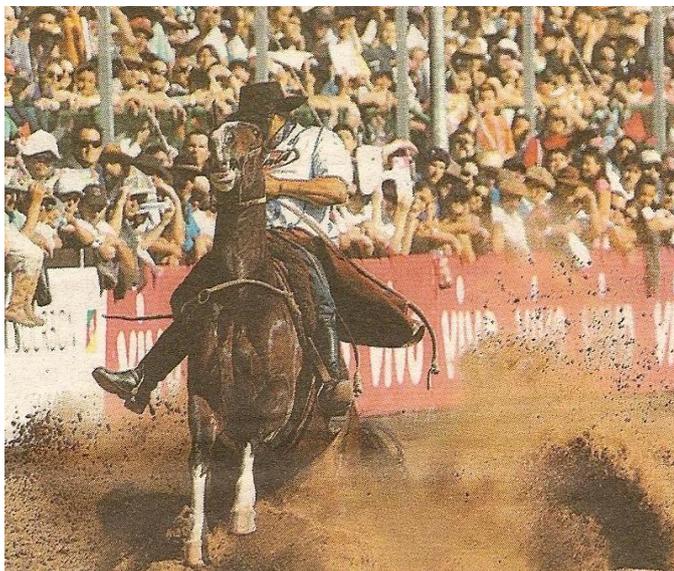


Ilustração 6 – Prova do Freio de Ouro 2009

O adestramento de um cavalo é a base para a formação de qualquer modalidade eqüestre. Uma doma “ruim” segundo a bióloga Deanna Buonno que é também colaboradora do site especializado “O portal do cavalo crioulo” destrói qualquer genética de campeões. Se observadas as qualidades naturais do animal, a doma (ou adestramento) deve levar em consideração as aptidões do cavalo que se quer domar. Nem sempre um filho de campeões pode ser um campeão na mesma modalidade.

Segundo os criadores, existem os “campeões natos”, aqueles que nascem com o “quê” a mais, que os torna tão diferentes ou superiores aos seus concorrentes. Ao selecionar um animal para competições, devemos observar, além da genética, da desenvoltura (comodidade, estilo, apoios, regularidade, etc.), se o animal tem aptidão para a modalidade escolhida. Se ele se exercita naturalmente.

Esse fator é bastante influenciado pelo tipo de doma que o animal recebeu e que vai influenciar na psicologia e no comportamento durante o trabalho/prova. O adestramento é dividido em: doma de cabresto, doma baixa (com guia), doma de sela (montaria) e doma avançada (aqui definimos a doma especial para a modalidade escolhida).

Segundo um ginete de nome Antenor Soares: “*A doma é uma conquista, se esse bicho soubesse a força que tem ninguém podia com ele. Tem que se fazer a coisa no tempo certo, não forçar demais nem de menos*”.

O adestramento de cabresto tem início precoce, oficialmente por volta dos 5 a 6 meses dependendo da desmama e da calma do potro. O ideal é iniciar o cabrestamento um pouco antes da desmama, com o mínimo de stress possível, conduzindo o potro junto à mãe, sendo possível depois de uma ou duas semanas, conduzi-lo sozinho, lenta e cuidadosamente, ensinando-o a responder aos comandos do cabresto (puxar delicadamente). Esta fase é bastante delicada. Um erro severo cometido durante esta etapa pode refletir o resto da vida do animal, causando problemas de comportamento. Após a fase inicial de adestramento, inicia-se a fase de condicionamento leve no redondel onde o potro aprende a rodar para a esquerda e para a direita, seguindo o comando da guia. Nesta fase começamos a perceber as oscilações de temperamento do animal durante o treino, os exercícios que mais gosta e os que não gosta.

Um Ginete com mais de 20 anos de experiência me disse-me que: “*a doma é como o início do treinamento, é o curso primário daquele guri que a gente quer ver na faculdade*”.

De um modo geral, os criadores treinam, criam e selecionam os seus cavalos para que consigam se posicionar bem nas etapas classificatórias do Freio de Ouro. Esse treinamento faz com que a maioria dos seus cavalos não possam ser cavalgados por pessoas inexperientes, uma vez que eles são condicionados para as provas de alto desempenho. Uma analogia seria a de colocar um condutor de veículos convencionais a dirigir um carro de corrida.

No mundo “crioulista” ganhar um freio de ouro é como um Oscar ou uma medalha de ouro em uma olimpíada. O presidente da associação dos criadores, Sr. Davis, disse que muito além das razões econômicas que levam um criador a pagar por vezes centenas de milhares de reais por um cavalo, está em jogo a manutenção de um ciclo de aperfeiçoamento que foi iniciado a muito tempo. Segundo ele, “*esse animal carrega com ele a demarcação da fronteira. Tudo foi feito em cima desse cavalo. Era um instrumento de guerra e um companheiro da lida do campo*”.

Essa competição tem tanto prestígio entre os criadores que seus animais nem precisam ganhar o prêmio para se sentirem vitoriosos. Todos com quem falei são unânimes em afirmar que se classificar para o freio de ouro é um privilégio de poucos e que traz reflexos futuros na imagem de sua cabanha e de seus animais.

10. O COMÉRCIO

Os eventos crioulistas constituem-se basicamente em provas onde os cavalos são colocados para executarem determinadas tarefas com o intuito de demonstrar suas habilidades, resistência, morfologia e docilidade entre outras. Uma boa colocação nestas provas o credencia a participar do grande evento anual denominado de Freio de Ouro, onde então será escolhido o melhor animal do ano. Esse animal terá a partir daí um grande valor monetário para o seu criador e por conseqüência, o seu criatório terá grande prestígio entre os seus pares. Todos, e inda que no seu íntimo, almejam um dia em ter um cavalo vencedor do Freio de Ouro, porém sabem que isso é uma missão difícil e muito poucos, ou melhor, basicamente um pequeno grupo de criadores ganha com certa regularidade essa prova, o que não diminui o entusiasmo dos outros milhares de criadores que estão sempre tentando aprimorar seu plantel de cavalos através da compra de novos animais e venda de outros sempre com o intuito de através do cruzamento ideal conseguir um espécime campeão.

Ao perguntar a um criador por que ele entrou nessa atividade ele me respondeu: *“não sei ao certo, apenas vi e me senti atraído por tudo isso, comprei meu primeiro cavalo e logo estava a procura de outro...”*.

Acontecem freqüentemente leilões para a comercialização dos cavalos. Basicamente isso é feito em locais próprios, constituindo-se de uma arena onde os animais são exibidos um a um em torno das quais as pessoas se posicionam em arquibancadas. Vender animais de alto valor em leilões que atingem cifras que por vezes ultrapassam um milhão de reais envolve muitas pessoas. Esses leilões possuem uma estrutura considerável composta por telões, catálogos de fotos com os animais a serem arrematados e às vezes até transmissão pela televisão em canais especializados.

No pavilhão onde é feito o leilão, possui uma decoração elaborada, projeto paisagístico e por vezes até iluminação especial.

Apesar dessa tecnologia o leiloeiro não abre mão do seu tradicional instrumento de trabalho, o martelo, porém de alguns anos para cá em alguns casos ele usa até ponto eletrônico para receber lances pela internet e também pela televisão.

Para exemplificar as dimensões que esses remates tomam, em um leilão que contou com animais das cabanhas BT A Marca da Função, Cabanha Paineiras e Cabanha Junco, realizado na Expointer 2009, um animal da cabanha BT foi arrematado por R\$ 62,5 mil reais

e outro da mesma cabanha por R\$ 55 mil reais. Dias antes em um outro leilão, a cabanha Infinito comercializou em seu leilão o total de R\$ 834 mil reais.

É importante salientar que as cabanhas mencionadas acima são grandes e tradicionais propriedades, símbolos de excelência e sucesso, bem como, de admiração por parte da grande maioria dos criadores.

Luiz, proprietário da cabanha Santa Helema me disse que “ Ser como eles é o sonho de todo criador” mas todos sabem que isso é quase uma loteria, uma vez que para se chegar ao nível do plantel dessas cabanhas é necessário fazer investimentos que podem ser milionários.

A música tem papel importante para a descontração dos presentes, e busca-se atualmente dar um caráter mais eclético nas escolhas musicais nos leilões o que coloca em um segundo plano as músicas nativistas e tradicionalistas do Estado. Isso se dá porque o público consumidor deste animal começa a quebrar as barreiras geográficas do Rio grande do sul . O leiloeiro Fábio Crespo , que tem mais de 25 anos de experiência em leilões de cavalo crioulo, diz que no início de sua carreira era ele o vozeirão que dava ritmo a venda, hoje ele se ressentido dos leilões que não tem a presença de um “DJ”. Entre as seleções musicais do DJ estão a Jovem guarda e as musicas sertanejas. Em menor número as musicas tradicionalistas gaúchas chamada por ele de “gauchinhas”.

Comes e bebes também são itens importantes. Uísque é a bebida preferida e para comer, pizzas e choripan, conhecido por alguns como pães com lingüiça. Há também um clássico gastronômico, o *buraco quente* ou *entrevero*, composto por pão, calabresa, tomate, cebola e pimenta.

A preparação dos animais que vão ser apresentados no leilão começa alguns meses antes. Eles são retirados do pasto e recolhidos ao galpão onde começam uma dieta a base de ração. NO dia do leilão são lavados com xampu e condicionador; são escovados com um cuidado especial com sua crina e rabo (cola).

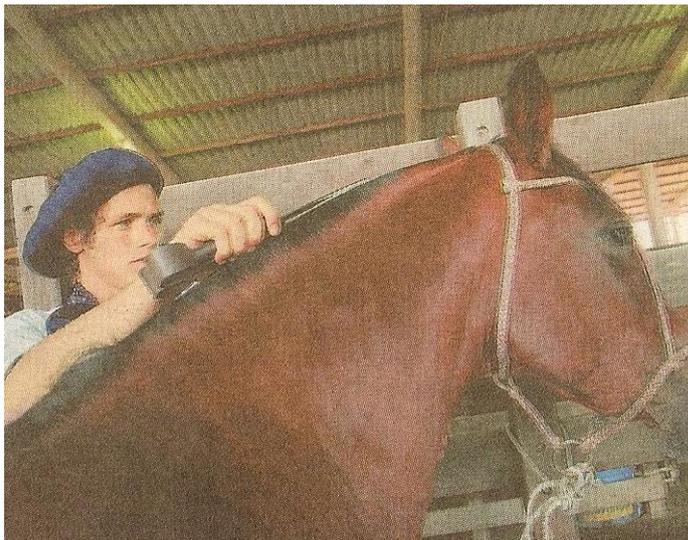


Ilustração 7 – Preparação do animal para o leilão

Cabanheiro há 17 anos, seu Adão quando perguntado se dava muito trabalho preparar um animal para o leilão me disse: *“pois olha tchê, esses “bicho” são mais cuidado que muita gente por ai”*.

“Um animal bonito na pista, com o pêlo brilhoso, crina bem aparada impressiona os compradores”, diz um criador. Ele acrescenta: *“A gente procura colocar a venda aqueles animais que não são os melhores no nosso plantel, para fazer um dinheiro e reinvestir na cabanha”*.

De fato, a maioria dos criadores busca se desfazer dos espécimes menos “nobres” de seu plantel e procura adquirir outros de melhor qualidade morfológica. Isso funciona à medida que vai se aprofundando no negócio, pois “quando você inicia sua cabanha, a menos que você seja muito rico, começa com animais de menor valor, até porque você não tem a experiência necessária, o que demora um tempo, disse-me outro criado.”.

Na edição da expointer 2009, realizada no parque de exposições Assis Brasil no município de Esteio, apesar da crise econômica, estiagem e as fortes geadas que assolaram o Rio Grande do Sul neste ano, o leiloeiro e presidente do sindicato dos leiloeiros do RS Jarbas Knorr diz que para o cavalo crioulo há mercado sempre. É um “hobby” diz ele: *“para esse animal não há crise”*.

À medida que as pessoas vão chegando a um leilão vai havendo uma farta distribuição de uísque, com a clara intenção de agradar os possíveis compradores bem como “desinibilos”, uma vez que a dinâmica de um leilão pode levar as pessoas a fazerem lances baseados na empolgação muitos além de sua capacidade financeira.

O comando do espetáculo fica a cargo do leiloeiro, assessorado por ajudantes que ficam posicionados estrategicamente de frente para os espectadores. Eles são os responsáveis por passar os lances dados pelos compradores ao leiloeiro. Cria-se um clima de disputa em torno da compra com a fala ininterrupta do leiloeiro apregoando as qualidades do animal que está na arena, discorrendo sobre a paternidade, a morfologia, sua docilidade bem como sua procedência, sempre observando os seus ajudantes que se comunicam com ele através de gestos compreensíveis apenas entre si. O leiloeiro conjuntamente com seus ajudantes cria um clima de empolgação e euforia, muitas vezes colocando o comprador desistente em uma situação de recomeço e de novo lance buscando sempre o maior valor possível pelo animal.

O leiloeiro, claro, sabe o valor mínimo de cada animal a ser vendido e que foi previamente estabelecido pelo proprietário. Esses valores podem oscilar muito, indo de algumas centenas de reais até a alguns milhares. Quando um cavalo não consegue atingir o preço mínimo, faz-se uma espécie de lance fictício dado pelos ajudantes simulando um eventual interessado, algo muito velado, visto que isso tecnicamente não “existe” com o intuito de segundo os criadores não ‘queimar” o animal, ou seja vendê-lo muito barato. Somente pessoas experientes perspicazes e conhecedoras do modo de interação entre o leiloeiro e seus ajudantes conseguem perceber essa teatralização no leilão. Segundo Augusto, criador da cidade de Tapes, esse lance fictício é combinado com os proprietários do animal. Anildo Vargas, criador de Bagé diz que: *“não se pode queimar o animal em pista, seu nome fica marcado e pode não pegar preço em um outro leilão”*.

O clima é frenético e as falas do leiloeiro ininterruptas e sempre na linguagem dos nativos.

Assim, uma grande quantia de dinheiro circula em um evento deste tipo, mostrando que os criadores, embora muitos digam que não sobrevivam dessa atividade ou que “empobreciam” com ela, gastam e muito com esta prática.

11. CONCLUSÃO

Ao chegar ao fim deste estudo não pretendo apresentar considerações conclusivas sobre o tema em questão, mas sim lançar luz sobre um tema ainda pouco conhecido. Ao decidir estudar os criadores de cavalo crioulo através desta etnografia, procurei entender este grupo social através de suas manifestações.

Pude observar várias situações e peculiaridades neste pouco contato que tive entre os crioulistas e, através dessa observação, vi que as pessoas envolvidas nesse meio transfiguram-se, compondo um novo grupo social e que não faz da criação de cavalos crioulos uma mera atividade comercial ainda que seja algo relevante para eles. Muitos dos criadores com que tive contato afirmaram que esta atividade não lhe traz retorno financeiro algum.

Os crioulistas consideram seus cavalos como o mais “legítimo” dos cavalos das Américas e buscam na sua preservação seu objetivo mais importante.

Segundo Rubem Oliven, as peculiaridades do Rio Grande do Sul contribuem para a construção de uma série de representações em torno dele que acabam adquirindo uma força quase mítica que as projeta até nossos dias.

A historiografia regional tende a representar o habitante do Rio Grande do Sul através de um único tipo social: o gaúcho, o cavaleiro e peão de estância sempre a cavalo.

Concluí ainda, que a atividade em questão é muito ligada à emoção, na satisfação de fazer algo bem feito e de ser reconhecido pelos seus pares. Uma necessidade de se integrar com a natureza e de identificação com as raízes gaúchas na medida em que muito dos criadores não possui ou possuiu vínculos com o meio rural.

Maria Eunice Maciel diz que a figura do Gaúcho é unificadora, ou seja, ela extrapola os limites originais servindo como referencial a todos os habitantes do Estado, mesmo para os originários de regiões onde não havia estâncias e tivesse sido povoada por populações de outra extração que não a Lusa. É, sobretudo uma forma de integração social e manutenção de uma tradição iniciada em alguns casos por quatro ou cinco gerações passadas.

Esse grupo social se reinventa, se redescobre, se moderniza, seja através da divulgação de suas atividades em revistas especializadas, na internet e também na televisão. Busca a integração e a troca de experiências, independente de gênero, pois cada vez mais o universo dos crioulistas é ocupado pelas mulheres que se fazem sempre presentes.

Muitas questões ainda ficaram em aberto, entre elas a participação das mulheres neste universo e, sobretudo, aprofundar sobre o que leva os citadinos a virarem crioulistas, questões que demandariam muito mais tempo de pesquisa.

O cavalo para os Gaúchos simboliza a liberdade e é por isso que sua cultura está embasada no cavalo. A figura do Gaúcho “a pé”, imortalizada pelo escritor Ciro Martins torna-se uma realidade. A extinção dos cavalos é a morte do gaúcho. “Ficar de a pé” é uma expressão regional tão séria que significa empobrecimento, a falência e o abandono.

REFERÊNCIAS

ACRI, Edson. O Gaúcho, usos e costumes. Porto alegre, Grafosul, 1985.

Associação brasileira de criadores de cavalos crioulos em <http://www.abccc.com.br/inicio.php>
acesso em 12/11/2008.

ASSUNÇÃO, Fernando. El Gaúcho. Ed DGE Universitária: 1978.

CLIFFORD, James, A experiência etnográfica: Sobre a autoridade etnográfica, Editora UFRJ, 1996.

FREYRE, Gilberto. "Unidade e diversidade, Nação e Região". *In: Interpretação do Brasil* Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 3º ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

HANSEL, José. A Pérola das reduções Jesuíticas. Ed Martins livreiro, 1988.

HOLANDA, Sérgio Buarque. Caminhos e Fronteiras. Ed Cia das letras, 1994.

JACKS, Nilda. Querência, Cultura regional como mediação simbólica, um estudo de recepção. Porto alegre, Ed da UFRGS, 1999.

MACIEL, Maria Eunice. Identidade e suas figuras. Porto Alegre, 2005.

MALINOWSKI, Bronislau. Argonautas do pacifico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da nova guine melanesia. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

OLIVEN, Ruben. A Parte e o todo: A diversidade cultural no Brasil, Editora Vozes, 2º ed., 2006.

PAIXAO CORTES, Joao Carlos D'avila. O gaúcho: Danças, trajes, artesanato. 1. ed. Porto Alegre: Garatuja, 1970.

Portal do Cavalo Crioulo em <http://www.cavaloscrioulos.com.br/> acesso em 24 10 2009.

PRITCHARD, Evans. Os Nuer: Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota, Editora Perspectiva, 1978.

REVERBEL, Carlos. O Gaúcho, Aspectos de sua formação no Rio Grande e no rio da prata. Porto Alegre, ed LP&M, 1986.